

Em resumo — Um belo livro, que deve estar na estante de todos os professores de matemática e física.

BENTO CARAÇA

**Louis Vialleton — L'ORIGINE DES ÊTRES VIVANTS**

— Paris - Plon

Na época que atravessamos tem a ciência um dos seus mais fecundos períodos de renovação. Como sempre, parecem-nos definitivos e irrefutáveis os resultados já alcançados; mas o próprio da ciência é desmentir o irrefutável e o definitivo. Amanhã — pode ser muito brevemente ou daqui a séculos — ir-se-á mais além e a verdade de hoje passará a ser uma simples aproximação dessa outra verdade que, como todas as verdades em ciência, será ainda absoluta *provisoriamente*. A física, com a mudança de perspectiva sobre a realidade, iniciara a revisão dos seus conceitos fundamentais. O princípio da causalidade e o determinismo, suportes aparentemente firmes para a interpretação do macrofísico, revelaram-se insuficientes para assegurar estabilidade ao novo edifício construído por Planck, Broglie e Heisenberg. A biologia, até hoje sempre dependente das ciências físico-químicas, tivera também de rever os seus conceitos basilares. Este livro é uma consequência do esforço interessante, sério e fecundo para dar à biologia independência de métodos, libertando-a da submissão ao tipo de conhecimento — (físico-matemático) — a que Comte, seguindo Descartes, a reduzia. A vida, porém, não pode explicar-se por físico-quimismos; é qualquer coisa que ultrapassa esta ordem de fenómenos. Vialleton, com Driesch, Cuénot, Dalbiez, Rignano, etc., considera como manifestações essenciais da vida a unidade, a individualidade, a autonomia, a espontaneidade e a finalidade; e cada uma destas propriedades fundamentais implica a existência duma ordem natural de maior complexidade não só gradual, mas essencial. A evolução dos seres vivos não é também explicável pelos factores lamarckistas e darwinistas; a actividade vital quer na espécie, quer no indivíduo, sendo um esforço para um equilíbrio e uma tendência de expansão, é irreversível e afirma a existência dum *fin* que lhe é implícito e imanente, isto é, qualquer coisa irredutível à tradução em mecânica feita pelos biólogos do século passado até Zittel. Daí a insuficiência do transformismo clássico e do pouco valor das suas provas, (incluindo a lei biogenética), para explicar a continuidade de tipos. Em resumo, setenta anos bastaram para envelhecer Darwin e valorizar Cuvier...

DELFIN SANTOS